

REVISTA REDAÇÃO

20/07/2014 - Ed. 29



POR QUE O ATAQUE CRIMINOSO

MARIANA QUEIROZ BARBOZA

O que pode ter levado ao disparo do míssil que derrubou o avião da Malaysia Airlines no leste da Ucrânia, matando 298 pessoas.



Por que o ataque criminoso (MARIANA QUEIROZ BARBOZA)

O que pode ter levado ao disparo do míssil que derrubou o avião da Malaysia Airlines no leste da Ucrânia, matando 298 pessoas

AS TENSÕES entre Rússia e Ucrânia, que começaram com protestos de rua em novembro, já resultaram na renúncia de um presidente, na anexação da Crimeia pelos russos e em intensos combates que, há quatro meses, desestabilizam o leste do país. Mas, na quinta-feira 18, um elemento novo e surpreendentemente cruel foi adicionado à disputa: a queda de um avião da Malaysia Airlines – a mesma responsável pelo voo MH379 que desapareceu em março –, numa área controlada por rebeldes separatistas da autoproclamada República Popular de Donetsk (RPD).

A aeronave foi abatida muito provavelmente por um míssil terrestre originário de um sistema chamado Buk, que tanto o Exército russo quanto o ucraniano possuem. Desenvolvido pela antiga União Soviética, ele atinge alvos numa altitude entre 11 mil e 30 mil metros. Os rebeldes negam ter um sistema antimísseis tão sofisticado e admitem que o aparato que têm à disposição é incapaz de lançar um míssil acima de 4 mil metros, mas há relatos da mídia estatal russa (não confirmados por outras fontes) de que, no fim de junho, os rebeldes de Donetsk capturaram uma instalação antiaérea ucraniana. Quem, afinal, atacaria um avião comercial insuspeito, com 298 pessoas a bordo, que trafegava num espaço aéreo sem restrições?



Para a Ucrânia e para os Estados Unidos, não há dúvidas de que foram os rebeldes. Petro Poroshenko, presidente da Ucrânia, apressou-se em classificar o fato como um “ato terrorista”, em referência aos separatistas da região. O presidente americano, Barack Obama, classificou a tragédia como um “ultraje de proporções indizíveis.” De acordo com o jornal ucraniano Kyiv Post, em conversas interceptadas pela agência de segurança nacional, um dos líderes da RPD, Igor Bezler, teria assumido a um oficial da inteligência militar russa a derrubada de um avião, 20 minutos depois da queda do MH17. A gravação dá a entender que eles pensavam ser uma aeronave militar ucraniana e ficaram surpresos ao perceber que era um transporte civil. O líder separatista, então, descreve os escombros, os corpos de mulheres e crianças, e itens encontrados, como toalhas e remédios. Em outro trecho, um militante identificado como Nikolay Kozitsin sugere que havia espões a bordo e afirma: “Eles não deveriam estar voando. Há uma guerra acontecendo.”



DESESPERO E DOR - Familiares de passageiros do avião da Malaysia Airlines se desesperam com a confirmação da derrubada da aeronave

Especialistas dizem que não é incomum aviões sobrevoarem zonas em conflito. O MH17 estava a 10 mil metros. “Ele seguia uma rota autorizada e conhecida e, até aquele momento, os combatentes na área não haviam demonstrado a capacidade de atirar mísseis a esse alcance,” disse à ISTOÉ Kevin Ryan, diretor de Defesa e Projetos de Inteligência do Centro Belfer para Ciência e Assuntos Internacionais, da Universidade de Harvard. Já na quinta-feira 17, as companhias aéreas que trafegam na tradicional via L980, que liga a Europa à Ásia, redirecionaram seus voos para evitar o espaço aéreo ucraniano. Desde abril, a Organização da Aviação Civil Internacional, ligada à ONU, alerta as empresas sobre o espaço aéreo que cobre a Crimeia por causa de disputas entre a Rússia e a Ucrânia. Na semana passada, Kiev acusou Moscou de participação na derrubada de outros dois aviões, um AN-26 e um caça SU-25 ucranianos – o que foi considerado “absurdo” pelo Ministério da Defesa da Rússia. A derrubada do MH17 seria o primeiro desastre relacionado ao conflito na região envolvendo um avião comercial.

Ao fazer essas acusações, a Ucrânia assume que o Kremlin desempenha papel ativo no apoio aos separatistas. Embora a Rússia negue, seus rivais suspeitam que o país forneça armamentos e veículos militares aos rebeldes, e enfatizam que os principais líderes dos militantes têm nacionalidade russa. “Não é um acidente que a Rússia tenha enviado pessoas-chave à

Ucrânia para desestabilizar não só o país, mas a região toda”, disse à ISTOÉ Kristina Wilfore, cientista política e ex-diretora do escritório na Ucrânia da ONG americana National Democratic Institute. “Putin poderia encerrar esse conflito num dia ao dizer aos separatistas apoiados pela Rússia no leste da Ucrânia que parem e ao deixar de enviar dinheiros e armas.” Na quarta-feira 16, os EUA e a União Europeia anunciaram uma nova rodada de sanções mais duras contra a Rússia por seu engajamento no conflito separatista e evidências de que seu suporte aos rebeldes cresceu no último mês. Caças russos também teriam sido responsáveis por um ataque que matou 11 pessoas na cidade de Snizhne, na região de Donetsk, na terça-feira 15.

**TRAGÉDIA NA UCRÂNIA
LEVA À TROCA DE
ACUSAÇÕES E AMPLIA
CRISE COM A RUSSIA**



DESTROÇOS - A queda do avião da Malaysia Airlines deixou corpos e destroços espalhados por um raio de 15 quilômetros na região da cidade de Grabovo, leste da Ucrânia

A agência russa RIA Novosti, em contrapartida, disse que, no dia anterior à queda do MH17, o Exército ucraniano deslocou sistemas de defesa aérea para as proximidades da cidade de Donetsk. Não seria o primeiro incidente envolvendo as Forças Armadas do país, já que, em 2001, a Ucrânia derrubou um avião da Siberian Airlines, que ia de Tel Aviv, em Israel, a Novosibirsk, na Rússia, de forma acidental, matando as 78 pessoas a bordo. Um míssil foi disparado durante exercícios militares enquanto a aeronave sobrevoava o Mar Negro. Outra agência russa, a Interfax, sugeriu que Putin seria o alvo, porque o voo da Malaysia Airlines seguia uma rota semelhante à do jato que o levava de volta a Moscou. Ainda é incerto como as investigações serão conduzidas nas próximas semanas e os constrangimentos diplomáticos que produzirão numa região tão disputada. Representantes da Força Aérea ucraniana relataram dificuldades para chegar ao local dos destroços. Uma caixa-preta ficou com os separatistas, que prometeram entregá-la à Rússia, e a outra foi encontrada por equipes de resgate. Um cessar-fogo humanitário foi negociado para colaborar com as investigações.

A trajetória do voo MH17

O Boeing 777 que operava o voo MH17 saiu de Amsterdã, na Holanda, na quinta-feira 18, às 12:15 do horário local

1

A Malaysia Airlines perdeu contato com o MH17 às 14:15 (GMT), a cerca de 50 km da fronteira da Ucrânia com a Rússia. Nesse momento, o Boeing 777 voava a 10 mil metros

SAÍDA
AMSTERDÃ

Havia **280** passageiros e **15** tripulantes a bordo



2

A área é controlada por rebeldes separatistas da autoproclamada República Popular de Donetsk

LOCAL
DA
QUEDA

3

O voo teria duração de 11h55 minutos e deveria chegar a Kuala Lumpur, na Malásia, às 6:10 do dia seguinte no horário local. No total, a distância percorrida seria de 10,2 mil km

Boeing 777-200



DESTINO
KUALA
LUMUR

FOTOS: NIKKI GREEN/HOLTERS, DOMINIQUE FAJET/APP PHOTO



MALAYSIA AIRLINES VOO MH370

JANEIRO/2013

O acidente ocorrido na quinta-feira 17 é o segundo envolvendo uma aeronave da Malaysia Airlines em menos de cinco meses. Em 8 de março, o vo MH370 sumiu das telas dos controladores aéreos 40 minutos depois de decolar de Kuala Lumpur (Malásia) rumo a Pequim (China). Morreram 239 pessoas

MARIANA QUEIROZ BARBOZA é jornalista e escreve para esta publicação. Foto: Laurence Griffiths/Getty Images, Mario Tama/Getty Images; ANDRÉ LUCAS ALMEIDA/FUTURA PRESS; Marcio Fernandes/AE; FERNANDO NUNES/FUTURA PRESS; Bruno Santos/TERRA, LUCY NICHOLSON. **Revista ISTO É, Julho de 2014.**

O insustentável peso da camisa (ELIANE BRUM)

ACABOU. Mas quando? Nos 7x1, na goleada histórica da Alemanha no Mineirão? Ou no Mané Garrincha, em Brasília, o nome do estádio que é apenas mais uma ironia a revelar a distância entre o gênio que pensava com os pés e os pés que se estranhavam com a bola, como se quisessem se livrar dela o mais rapidamente possível, na disputa com os holandeses. Ou neste domingo (13), a ausência do Brasil no Maracanã como uma presença.

Talvez, entre tantos finais possíveis, o adeus tenha sido aos poucos. E tenha começado quando tudo ainda era silêncio, e a predestinação, assim como a vitória, era lançada como um dado da natureza. Esquecia-se do peso da camisa. Que em 2014 se tornou insustentável. Primeiro, era para ter Copa. Quando o país foi escolhido para sediar o evento máximo do futebol, o Brasil, que carregava essa sina de ser um verbo conjugado no futuro, era anunciado como aquele que finalmente alcançara o presente substantivo, com a ascensão de milhões no que se chamou de "nova classe média" e outras marcas apregoadas mundo afora.

A Copa era sonhada como uma esquina onde identidade e destino encontrariam sua síntese, um final-começo apoteótico para um país que até então parecia condenado ao quase. Essa Copa morreu antes de nascer, quando os protestos de junho deram notícia de que algo se rompeu e escapava.



O atacante Neymar no gramado após derrota da seleção brasileira para a Holanda

E então, na "pátria em chuteiras", parte da população passou a gritar: "Não vai ter copa". Um grito imprevisto, desestabilizador no imaginário nacional. Talvez, agora que tudo acabou, para quem sabe poder começar de outro jeito, se possa dizer que, vista de dentro, teve uma Copa e não teve outra Copa.

A gasta frase de Nelson Rodrigues, uma das tantas sínteses precisas do cronista, a de que "a mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana", tem cabimento de pele. Apenas que não mais ser ou não ser –mas ser e não ser, ao mesmo tempo.

Nas últimas semanas, meses, políticos, intelectuais e jornalistas precisaram buscar nos cronistas do passado, Nelson em

especial, a interpretação do futebol e das brasilidades. Ajustar ao hoje o que dizia mais de um país que, se contém aquele

que foi, já não é e não pode mais ser o que era. É óbvio que os grandes intérpretes do Brasil sempre dirão sobre ele. Assim como é óbvio que suas interpretações não podem ser apenas transpostas, ignorando o movimento um tanto caótico da história. O fato de ser preciso meramente repetir hoje os achados de ontem mostra o quanto estamos diante de algo que é e que está, mas que ainda não pôde ser encontrado, sequer nomeado. Essa Copa no Brasil, tão rica em sentidos, é pobre em narrativas.

Ainda há nela, no que se refere ao país e ao futebol, muito mais de indizível e de "destecido", desfeito. Possivelmente porque este seja um momento de descosimento, também das palavras. Reeditou-se o "trauma do Maracanazo", na Copa de 1950, quando o Brasil perdeu a final para o Uruguai, para botar em curso uma narrativa que pudesse encobrir a fragilidade do discurso. Criar um movimento épico, sem que ele pudesse ser sustentado, porque a derrota pouco ecoa hoje nos corações e mentes da maioria da população, que guarda Copas mais recentes na memória.

Ainda que ecoasse, seria buscar uma correção impossível da história, já que aquele Brasil não mais existe. Como já não existe Barbosa, o goleiro negro que encarnou não a fratura da derrota, mas a da cisão de uma sociedade em que a abolição da escravidão ainda hoje não foi completada. Nessa sociedade, o negro, ligado historicamente pelo racismo vigente a uma certa "instabilidade emocional", era o culpado. O Brasil que agora existe já não se sabe o que é. O não saber uma possibilidade, mais do que uma perda. Nem mesmo o Maracanã, onde a Alemanha venceu a Argentina num jogo aguerrido, é o Maracanã. Um nome e um mito dizendo-se no vazio de uma arquitetura que já é outra em mais de um sentido.

Quando a seleção sofreu a goleada histórica, buscou-se editar um novo trauma: a superação do anterior não pela redenção, mas pela enormidade do novo. Mas não há trauma. O que há é um movimento espasmódico, o assombro de hoje se sobrepondo ao de ontem antes de ser sepultado pelo de amanhã, na falsa sensação de que algo se move enquanto velhas forças subjacentes se acomodam. É inevitável testemunhar a entrada da Argentina no Maracanã sem lembrar do comercial em que Daniel Alves diz a Lionel Messi, seu colega no Barcelona, pelo celular: "O bicho vai pegar aqui no Brasil!". Pegou mesmo. E pegou de tantas maneiras diferentes.

O nome da campanha é "O Sonho: tudo ou nada". A narrativa publicitária não pode criar realidade, só imagem que se desfaz. Essa Copa revelou com rara profundidade, para quem se importasse em ver, a cisão entre o mercado como tentativa de controlar a vida pelo desejo de consumo –e a vida que se impõe como a transgressão que é, consumindo-se na voragem de desejos incontroláveis. Depois da derrota para a Holanda, na disputa pelo terceiro lugar, Thiago Silva e David Luiz disseram, na zona mista –um tanto atarantados, o olhar perdido– que o saldo positivo dessa Copa foi reacender a chama da torcida brasileira pela seleção.



O zagueiro David Luiz lamenta um dos sete gols da seleção alemã

Seguiam acreditando – ou apenas repetindo – que a imagem podia ainda se reagrupar sem rasgos e pedaços faltantes. Bastaria para isso uma correção. Assumiam-na, "como homens", mas não pareciam perceber que essa derrota dava a notícia assombrosa de uma falta. Que imagens, ao contrário de pessoas, que suportam e carregam suas marcas, se desfazem. Essa é a tragédia dos meninos da seleção. Em algum momento se acreditaram completos, um produto perfeito, não sujeito à vida –e, portanto, não sujeito ao futebol.

Contra os prognósticos de muitos, a Copa saiu. Para uma parcela significativa de brasileiros, a um custo alto demais, com o qual será preciso se haver. Com a polícia reprimindo manifestantes, prendendo sem qualquer justificativa aceitável numa sociedade democrática. Com um rastro de dezenas de milhares de desabrigados e pelo menos dois mortos de um viaduto que desabou. Com estádios caríssimos destinados ao vazio. Com tudo isso, a Copa saiu. O futebol brasileiro desfez-se. Há muito a camisa amarela pesa. Nesta Copa, não só pelas suas cinco estrelas. Talvez tenha sido atribuído àqueles meninos uma missão mais impossível do que ganhar o jogo com o time que (não) formavam.

Pelos tantos interesses envolvidos, alguns deles conflitantes entre si, apostava-se que eles pudessem reunir o que já não pode ser reunido. Mas nem todo o esforço da TV aberta, Globo em particular, foi capaz de forjar um espetáculo maior do que a realidade. Nesse sentido, Neymar, David Luiz, Thiago Silva e todos os outros são personagens ainda mais trágicos. Aos meninos da seleção brasileira parece ter sido dada a missão não de jogar futebol, mas de reunir os cacos de uma identidade "brasileira" que, se um dia existiu, pode ter terminado de ruir em junho de 2013.

Eles não podiam –ninguém pode– juntar pedaços que não mais se encaixam. Desmoronaram em arena pública, como cordeiros sacrificados. A mercê de forças poderosas que, se ajudam a movimentar, delas são também brinquetes. Algo gira em falso. Talvez seja preciso encarar que o Brasil possa não ser mais o "país do futebol" –e que isso não é necessariamente uma tragédia. Ainda que, mais uma vez, seja o futebol que, com sua enorme potência, exponha e revire as tensões brasileiras.

ELIANE BRUM é Jornalista, escritora e documentarista. Ganhou mais de 40 prêmios nacionais e internacionais de reportagem. É autora de *Coluna Prestes – O Averso da Lenda* (Artes e Ofícios), *A Vida Que Ninguém Vê* (Arquipélago Editorial, Prêmio Jabuti 2007) e *O Olho da Rua* (Globo). **Revista ÉPOCA, Julho de 2014.**

Fidelidade ou lealdade? (IVAN MARTINS)

A gente se preocupa demais com uma e esquece da outra, que talvez seja mais importante

Nos últimos dias, ando apaixonado pela palavra "lealdade". Deve ser por causa de um livro que estou terminando, um romance sobre antigos amigos e amantes que voltam a se encontrar e precisavam acertar suas diferenças. Eles já não se gostam, mas confiam um no outro. Eles deixaram de se amar, mas ainda se protegem mutuamente. Isso é lealdade, em uma de suas formas mais bonitas. Lealdade ao que fomos e sentimos.

Ao ler o romance, me ocorreu que amar é fácil. Tão fácil que pode ser inevitável. A gente ama quem não merece, ama quem não quer nosso amor, ama a despeito de nós mesmos. Tem a ver com hormônios, aparência e sensações que não somos capazes de controlar. A lealdade não. Ela não é espontânea e nem barata. Resulta de uma decisão consciente e pode custar caro. Ela é uma forma de nobreza e tem a ver com sacrifício. Não é uma obrigação, é uma escolha que mistura, necessariamente, ideias e sentimentos. Na lealdade talvez se manifeste o melhor de nós.

Antes que se crie a confusão, diferenciemos: lealdade não é o mesmo que fidelidade, embora às vezes elas se confundam. Ser fiel significa, basicamente não enganar sexual ou emocionalmente o seu parceiro. É um preceito, uma regra que se cumpre ou não se cumpre, uma espécie de obrigação. O custo da fidelidade é relativamente baixo: você perde oportunidades românticas e sexuais. Não tem a ver, necessariamente, com sentimentos. Você pode desprezar uma pessoa e ser fiel a ela por medo, coerência, falta de jeito ou de oportunidade. Assim como pode amar alguém perdidamente e ser infiel. Acontece todos os dias.

Lealdade é outra coisa. Ela vai mais fundo que a mera fidelidade. Supõe compromisso, conexão, cuidado. Implica entender o outro e respeitá-lo no que é essencial para ele - e pode não ser o sexo. Às vezes o outro precisa de cumplicidade intelectual, apoio prático, simples carinho. Outras vezes, a lealdade requer sacrifícios maiores.

A primeira vez que deparei com a lealdade no cinema foi num filme popular de 1974, *Terremoto*. No final do drama-catástrofe, o personagem principal – um cinquentão rico, heroico e boa pinta – tem de escolher entre tentar salvar a mulher com quem vivia desde a juventude, com risco da sua própria vida, ou safar-se do desastre com a jovem amante. Ele escolhe salvar a velha companheira e morre com ela. Parece apenas um dramalhão exagerado, mas desde Shakespeare o drama ocidental está repleto de escolhas desse tipo. É assim que nos metem conceitos elevados na cabeça. Vi esse filme com 16 e 17 anos e nunca mais deixei de pensar na lealdade em termos drásticos.

A lealdade está amparada em valores, não apenas em sentimentos. É fácil cuidar de alguém quando se está apaixonado. Mais fácil que respirar, na verdade. Mas o que se faz quando os sentimentos desaparecem – somem com eles todas as responsabilidades em relação ao outro? Sim, ao menos que as pessoas sejam movidas por algo mais que a mera atração. Se não partilham nada além do desejo, nada resta depois do romance. Mas, se houver cumplicidades maiores, então se manifesta a lealdade. Ela dura mais do que os sentimentos eróticos porque se estende além deles.

O romantismo, embora a gente não o veja sempre assim, é uma forma exacerbada de egoísmo. Meu amor, minha paixão, minha vida. Minha família, inclusive. Tem a ver com desejo, posse e exclusividade, que tornam a infidelidade insuportável, a perda intolerável. As pessoas matam por isso todos os dias. Porque amam. É um sentimento que não exige elevação moral e pode colocar à mostra o pior de nós mesmos, embora pareça apenas lindo.

Minha impressão é que o mundo anda precisado de lealdade. Estamos obcecados pela ideia da fidelidade porque a infidelidade nos machuca. Sofremos exacerbadamente porque o mundo, o nosso mundo, não contém nada além de nós mesmos, com nossos sentimentos e necessidades. Quando algo falha em nossa intimidade, desabamos.

Talvez devêssemos pensar de forma mais generosa. Talvez precisemos nos apaixonar por ideias, nos ligar por compromissos, cultivar sonhos e aspirações que estejam além dos nossos interesses pessoais. Correr riscos maiores que o de ser traído ou demitido. O idealismo, que tem sido uma força de mudança na conduta humana, precisa ser resgatado. Não apenas para salvar o planeta e a sociedade, mas para nos dar, pessoalmente, alguma forma de esperança. A fidelidade nos leva até a esquina. A lealdade talvez nos conduza mais longe, bem mais longe.

IVAN MARTINS é diretor-executivo da Revista Época, Autor do livro *Alguém especial*, escreve para revista e para o site dela também. **Revista ÉPOCA, Julho de 2014.**

O cigarro levou um imortal (CRISTIANE SEGATTO)

Um depoimento precioso do escritor João Ubaldo Ribeiro sobre o vício que o matou. Estamos fazendo o suficiente para combater o tabagismo?



João Ubaldo Ribeiro na Flip de 2011 (Foto: Walter Craveiro/Flip)

Perdemos nesta sexta-feira (18) o escritor e jornalista João Ubaldo Ribeiro, imortal da Academia Brasileira de Letras. Aos 73 anos, Ribeiro morreu de embolia pulmonar em sua casa, no Rio de Janeiro. A doença foi provocada pelo cigarro. O escritor baiano fumava desde a adolescência.

Morre o escritor João Ubaldo Ribeiro

Em 2008, o autor de *"Viva o povo brasileiro"* deu um depoimento à Rádio Pulmão Bom, do Centro de Apoio ao Tabagista. A rádio é uma das tantas iniciativas do pneumologista Alexandre Milagres, um ativista e comunicador que não mede esforços para combater o mais grave problema de saúde pública em todo o mundo.

Alexandre está inconsolável. "O cigarro levou mais um amigo", diz. "Não consegui que ele me permitisse ajudá-lo a parar de fumar". O vídeo de 22 minutos, disponível neste endereço (<http://vimeo.com/70455125>), é um registro precioso e sincero sobre a longa convivência de Ribeiro com o vício. "Tenho que parar de fumar, mas isso é um esforço terrível", diz o escritor, no áudio de 2008. "Reconheço minha condição de viciado, mas não consigo parar. Vou fumando. Disso não tenho o menor orgulho."

Como parei de fumar

Na juventude de Ribeiro, poucos escaparam do cigarro. Socialmente, fumar não era apenas aceitável. Era também desejável. Ele conta que começou a fumar para impressionar uma namorada, um ano mais velha e fumante. Certa vez, enquanto namoravam no batente do edifício, ela perguntou a uma amiga.

- Lourdes, você tem um cigarro? Aqui é contrário. A mulher é que fuma, não o homem.

"Vi ali uma denúncia de minha mal delineada masculinidade", conta ele. Desde aquele dia, Ribeiro começou a fazer força

para se viciar. Colocava na boca um cigarro Columbia, e mesmo enjoado, tentava ficar à altura da namorada.

O cigarro eletrônico e o risco da dependência

A publicidade e o cinema foram as principais estratégias da indústria tabagista para viciar aquela e as gerações seguintes. Abandonar o cigarro não é impossível, mas é uma tarefa árdua. Outras personalidades brasileiras contaram a ÉPOCA, em **texto e vídeo** (<http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2011/12/como-parei-de-fumar.html>), como conseguiram parar de fumar. Nesta outra reportagem, a polêmica recente sobre o cigarro eletrônico. Como recorda Ribeiro, nos filmes de guerra dos anos 50 era comum ver um sargento tirar um cigarro da própria boca e oferecê-lo a um combatente agonizante. "Antes de morrer, o herói de guerra recebia o cigarrinho da saideira."

Mais uma lei aperta o cerco contra o fumo

Nada disso seria aceitável hoje. Nas últimas décadas, houve muitos avanços na conscientização sobre os males do tabagismo e na aprovação de leis para inibir a propaganda e o consumo de cigarros. Com 25 milhões de dependentes de nicotina, o Brasil precisa avançar muito mais. Para início de conversa, é preciso retirar a discussão sobre tabagismo do âmbito do estilo de vida e colocá-la onde sempre deveria ter estado: o das drogas.

Brasil ainda tem 25 milhões de fumantes

Em 2008, a função respiratória de Ribeiro já estava comprometida. Ainda assim, ele acreditava ser um homem de sorte por não ter sido atingido brutalmente por doenças graves provocadas pelo vício. "Bato na madeira e me benzo quando digo isso", afirmou ele. Estamos fazendo o suficiente para evitar 200 mil mortes como essa todos os anos?

CRISTIANE SEGATTO é Repórter especial, faz parte da equipe de ÉPOCA desde o lançamento da revista, em 1998. Escreve sobre medicina há 17 anos e ganhou mais de 10 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. **Revista ÉPOCA, Julho de 2014.**

Muito além da Copa (MOREIRA FRANCO)

EM 2007, quando a Fifa anunciou a escolha do Brasil para sediar a Copa do Mundo de 2014, a situação de nossos aeroportos foi apontada como uma das ameaças ao evento pelo vozerio que combinava o necessário espírito crítico com o daninho complexo de terceiro mundo.

Sete anos depois, a realização desse grande evento esportivo foi reconhecida como um grande sucesso, tanto nos gramados como no funcionamento da infraestrutura, nela incluídos os aeroportos e o transporte aéreo. Neste setor, o legado está pronto e representa uma conquista do país e da sua população para muito além da Copa. O desafio que recebi da presidente Dilma Rousseff ao ser transferido para a Secretaria de Aviação Civil (SAC) foi não apenas o de preparar a infraestrutura aeroportuária para a Copa, mas, fundamentalmente, o de sintonizá-la com o século 21. Que não perdêssemos o passo, ela enfatizou, lembrando a negligência passada com as ferrovias e a navegação.

Isso exigia a ampliação física e a modernização tecnológica dos aeroportos para responder a diferentes necessidades: atender à crescente demanda interna, favorecer a inserção do Brasil nas rotas globais de turismo e propiciar suporte adequado à circulação de bens e mercadorias sensíveis, de alto valor agregado, hoje transportados basicamente por via aérea. A ambiciosa reforma aeroportuária exigiu a delicada substituição de estruturas militares por instituições civis como a SAC e a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), o que foi feito sem sobressaltos, restando hoje apenas o controle do espaço aéreo sob a jurisdição da Aeronáutica. Para superar o déficit acumulado de investimentos no setor, foram concedidos à exploração da iniciativa privada cinco aeroportos (Brasília, Belo Horizonte, Rio, Guarulhos e Campinas) que respondem, juntos, por 80% dos voos internacionais e 50% dos voos domésticos.

Empresas com experiência internacional reconhecida habilitaram-se a operá-los, por meio de processos licitatórios legais e transparentes, que impediram uma operadora de arrematar mais de um dos cinco terminais. Os demais aeroportos continuam sendo operados pela empresa estatal Infraero, agora submetida à competição, benéfica a todos, especialmente aos usuários.

Graças aos R\$ 11,3 bilhões investidos no governo Dilma, os aeroportos das capitais ampliaram em 70 milhões de passageiros a capacidade de atendimento anual, que antes era de 215 milhões. Foram construídos 400 mil m² de áreas internas nos aeroportos e 1,4 milhão de m² de pátios, criando 270 novas vagas para estacionamento de aeronaves.

O foco na Copa acelerou a ampliação e modernização dos aeroportos das 12 cidades-sedes e a construção de um novo em Natal. Com a oferta de 108 mil "slots" (vagas para pousos e decolagens), o Brasil atendeu plenamente aos pedidos de reserva para quase 90 mil voos no período. As delegações e os turistas, nacionais e estrangeiros, foram atendidos satisfatoriamente em aeroportos que nada ficam a dever aos do chamado Primeiro Mundo. A taxa de atrasos e cancelamentos de voos tem sido baixíssima, dentro da tolerância internacional e abaixo da média nacional em outros momentos. Ainda há obras em execução, mas serão entregues já que visam atender ao crescimento veloz da demanda interna. O trânsito por Guarulhos (SP), que em um ano e meio passou de pouco mais de 30 milhões de passageiros para 41 milhões, já alcança hoje o projetado para 2017.

Para a Copa, o essencial foi feito e está aprovado. Deixará como legado melhores aeroportos e serviços aéreos para todos e para sempre. Depois dela, a reforma aeroportuária prosseguirá, para responder ao crescimento e a estratégias de inclusão, num país em que a mobilidade social permitiu a 10 milhões de pessoas, nos últimos dois anos, andar de avião pela primeira vez na vida. Entre o feito e o por fazer, os ganhos são imensos.

WELLINGTON MOREIRA FRANCO, 69, é ministro-chefe da Secretaria de Aviação Civil da Presidência. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO**, Julho de 2014.

Encantos e desencantos do futebol (RUY MARTINS ALTENFELDER SILVA)

NO PAÍS do futebol e em tempo de Copa do Mundo, quantos brasileiros não sonham em vestir a camisa de um grande time? Especialmente os mais pobres têm a imaginação incendiada pelos relatos que esmiúçam amores, carreiras e sinais externos de riqueza de atletas de ponta e suas famílias, muitas vindas de condições precárias.

Não é difícil imaginar o que passa pela cabecinha daqueles que revelam mais talento nos campinhos do que na sala de aula... E também na dos pais que veem na habilidade do filho o passaporte para subir na vida e cedem à tentação de ver seu nome gritado nos estádios e de dispor de contas bancárias recheadíssimas, graças a contratos milionários com times e campanhas de publicidade. Mas poucos se lembram do lado escuro da moeda, dos obstáculos a driblar, dos mal-intencionados caçadores de talento e da teia de interesses, nem sempre legítimos, que pululam nos bastidores do futebol.

Já de início há as concorridíssimas peneiras que, segundo cálculos, deixam passar 2 ou 3 a cada 1.000 candidatos. Os que vão à frente não demoram a colecionar frustrações. O primeiro choque será com o dinheiro. Calcula-se que 3 em cada 4 ou 76% dos atletas que jogam no Brasil recebem até dois salários mínimos por mês. Dos que escapam dessa faixa, 21% ganham de 2 a 20 mínimos e apenas 3% (a nata dos supercraques) chegam a remunerações maiores. O aspirante também logo perceberá que, mesmo começando na infância ou na adolescência, a carreira será curta, não passando dos 35 ou 36 anos de idade.

Os mais atentos notarão que, nos novos grupos, cresce o número de jogadores com mais escolaridade e, portanto, mais articulados e com maior visão crítica. Um estudo da Universidade Estadual Paulista (Unesp) publicado em 2007 (e nada deve ter mudado, desde aquela época) aponta causas da desistência, quase todas relacionadas às mazelas que emperram a modernização da indústria do futebol, aqui e lá fora. A instabilidade profissional e a ausência de estrutura dos clubes são os principais motivos de abandono da carreira, seguidos por lesões, baixos salários, distância da família e falta de profissionalismo dos dirigentes, empresários e técnicos.

Não há receita mágica para evitar o destino de muitos craques, que decaem para a pobreza e o anonimato depois que deixam o campo. É preciso que, nas categorias de base, os clubes conciliem treinamento técnico com a exigência de formação escolar, preparando os jovens, principalmente os mais pobres, para enfrentar tanto os encantos quanto os desencantos que encontrarão no futuro. Se é próprio da adolescência sonhar alto e acreditar que há atalhos para o sucesso, o governo, as organizações e pessoas que lidam com jovens deveriam se preocupar em mostrar que, no futebol, como em qualquer carreira, o melhor caminho passa pela formação integral do jovem, que decorre das oportunidades de acesso à saúde, à educação e a outros direitos cidadãos. É essa a mensagem que o Centro de Integração Empresa-Escola transmite continuamente aos jovens que beneficia, tanto por palavras quanto por ações.

RUY MARTINS ALTENFELDER SILVA é presidente do Conselho de Administração do CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola) e da Academia Paulista de Letras Jurídicas. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO**, Julho de 2014.

Deus e a Copa (GREGORIO DUVIVIER)

CAROS atletas da seleção brasileira, aqui quem fala é Deus. Em primeiro lugar, gostaria de pedir que parassem de me mencionar nas entrevistas. Não tive nada a ver com a derrota de vocês. Não sei se vocês repararam, mas a seleção alemã fez sete gols - e não dedicou nenhum deles a mim. Era de se esperar. Nunca frequentei um treino. Eu não tive nada a ver com aquilo. Os caras estão treinando há 10 anos. Não mereço crédito - e nem estou interessado nisso.

Esse negócio de agradecer a mim pega supermal pro meu lado. As pessoas veem as cagadas que estão acontecendo pelo mundo e acham que eu estava num jogo de futebol ao invés de estar resolvendo cagadas. No jogo contra a Croácia, soube que o juiz marcou um pênalti inexistente e vocês agradeceram a mim. Pessoal, eu tenho mais o que fazer do que ficar subornando juiz. Meu nome é Deus, não é Eurico Miranda. Nunca uma seleção brasileira foi tão temente a mim. E nunca uma seleção tomou um sacode tão grande. Perceberam o quão pouco eu me importo com a Copa do Mundo?

Pra vocês terem uma ideia, no momento estou num planeta paradisíaco, torrando royalties. Não adianta me chamar que eu não volto. Mesmo que eu me importasse com futebol: vocês acham que eu ia ajudar um time só porque acredita mais em mim? Vocês acham que eu ia prejudicar outro time só porque o pessoal não acredita tanto em mim? Vocês acham mesmo que eu sou carente nesse nível?

Fiz mil anos de análise, pessoal. Vocês não vão me comprar com um pouco de afeto e 10% do salário. A propósito: esse povo pra quem vocês doam o dízimo não está me repassando o valor. Ninguém até hoje sequer me pediu minha conta

pessoal. Se eu fosse vocês, não me preocuparia tanto com essa goleada. Me preocuparia com outros sacodes: no prêmio Nobel, a Alemanha está ganhando de vocês de 102 a zero (tampouco tive nada a ver com isso).

Também não me preocuparia tanto em não transar antes do casamento, David Luiz. Não quer transar, não transa. Mas não diga que sou eu que não quero que você transe. Eu quero mais é que todo o mundo transe, com quem quiser, da maneira que quiser, na posição que bem entender. Transa pra mim. Despeço-me com uma dica: eu não valho nada, mas o diabo vale muito menos. Não adianta apelar pra Deus enquanto o demônio for presidente da CBF. Vocês têm José Maria Marin, Marco Polo Del Nero, Aldo Rebelo e acham que a culpa é minha?

GREGÓRIO DUVIVIER é ator e escritor. Também é um dos criadores do portal de humor Porta dos Fundos. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

Amarelou (LUIZ FELIPE PONDÉ)

ACHO excessiva a ideia de que a derrota (merecida) do Brasil para a Alemanha demande cuidados especiais para com as crianças ou os adultos. Afinal, "é só futebol". Parece-me um tanto ridícula toda essa frescura com o "Mineirão". Mas vivemos mesmo num mundo meio ridículo em que todo mundo precisa de "cuidados".

A inflação do afeto tornou-se valor. Esses exageros têm um valor evidente: escondem, como todo mundo sabe, o medo. Isso nunca dá certo na vida real. E a seleção amarelou mesmo. Não aguentou a pressão. E o povo esperava apenas uma coisa: sucesso. Não se perdoa o fracasso, ainda que um monte de gente diga o contrário, e diga isso por mau-caratismo ou porque quer vender autoestima.

Por outro lado, sim, precisamos de cuidados psicológicos para viver. A vida moderna nos brinda com incertezas, ambivalências, dúvidas quanto aos afetos, aos valores, aos horizontes, aos comportamentos. Os modos antigos de vida não servem mais porque (supostamente) não dão conta da complexidade da vida. Já disse nesta coluna algumas vezes que duvido dessa história de que o mundo mudou muito. Acho que tem muito papo furado nessa história de "as novas gerações têm uma outra cabeça" (a frase é ridícula por si só). Mudou o cenário, o enredo continua sendo escrito pelo bobo de "Macbeth".

Mas, sem dúvida, "futebol é mais do que apenas futebol". Não, não estou me contradizendo. O esporte é parte da cultura e, portanto, futebol é, num certo sentido, mais do que futebol. Mesmo que não tenha uma relação direta com o resultado das urnas ou com as decisões de consumo, a seleção é parte do universo de representações culturais que os brasileiros têm de si mesmos. E esse 7 X 1 é mais uma crise de representação num mar de crises de representações no Brasil desde o ano passado.

E nesse sentido, o futebol, como o grande Nelson Rodrigues dizia, é uma tragédia grega. Cai bem chamar os estádios de arenas, já que os jogares são um pouco como gladiadores. E o comportamento da torcida é um pouco como o da torcida que assistia aos gladiadores na antiga Roma: o povo podia passar do desprezo à misericórdia, ou o inverso, em segundos, caso julgasse que um gladiador ou outro merecia uma das duas atitudes. Um dia a seleção brasileira é inspiração para os jovens, outro dia é alvo de laranja podre. O fã é um infiel por excelência.

O povo, ao contrário do que a esquerda mentirosa e os marqueteiros dizem (ambos dizem isso por interesses comerciais, só que os marqueteiros são honestos e confessam), nunca foi de confiança. Quer um exemplo de que, apesar de todo o blablabá emocional e "psi" ao redor do fracasso da seleção, o mundo não mudou? Vejamos:

Nas antigas arenas romanas, o povo podia ser misericordioso ou cruel segundo alguns critérios, um deles se o gladiador resistia ou não à pressão da luta. Uma velha virtude em jogo: a coragem. Infelizmente, a seleção brasileira não resistiu à pressão. Amarelou. Claro, não jogava bem, bons jogares sem conjunto e tudo aquilo que os especialistas já falaram. Mas, além disso, ficou clara a dificuldade de suportar a enorme pressão de um povo com uma expectativa excessiva em relação à Copa em casa.

Podemos apontar a diferença entre, por exemplo, holandeses e alemães e seu futebol "científico", por oposição ao nosso latino-americano, o futebol-arte. Mas tudo isso é passado. Não existe futebol-arte, assim como não existem mais vovôs e vovós (estão todos na academia querendo se parecer com os netos). Mas temo que o problema foi além disso. A seleção foi bem representativa da cultura brasileira dos últimos tempos. Chorona, ressentida, delirante, sem resultados.

Com a era Lula, muitos acreditaram mesmo que sairíamos do buraco com a "bolsa-voto", casas de graça, carros sem impostos e outras invenções baratas. A palavra "autoestima" foi muito ouvida nos últimos tempos, principalmente na Copa. É comum hoje as pessoas acharem que todo mundo (e a mídia também) deve se preocupar antes de tudo com a autoestima das pessoas. Discordo. É este mundo da autoestima que forma os amarelos.

LUIZ FELIPE PONDÉ é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). ponde.folha@uol.com.br. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

Um homem honrado (JOSÉ SERRA)

MORREU Plínio de Arruda Sampaio. Era um homem inequivocamente de esquerda sem nunca ter sido de fato marxista. Foi um democrata cristão no início de sua vida pública sem jamais ter sido um conservador. Sua personalidade complexa e aparentemente contraditória, que conheci bem, guardava uma notável coerência.

Concordasse eu com suas escolhas ou não - e é certo que, politicamente, estivemos mais próximos no passado do que em dias recentes -, tenho claro que Plínio rompeu barreiras políticas sempre por bons motivos, que nunca atenderam à sua conveniência pessoal. Há homens que admiramos não porque falam o que nós pensamos, mas porque falam o que eles pensam. Plínio se foi de bem com sua consciência, e aí está uma grandeza e uma paz merecidas. A primeira vez em que ouvi falar dele foi na minha adolescência. Plínio era subchefe da Casa Civil do governo de São Paulo, e lhe coubera coordenar um plano de ação que orientaria os investimentos do Estado de 1958 a 1962, ano em que se elegeu com facilidade deputado federal pelo Partido Democrata Cristão.

No Congresso, foi relator do projeto de reforma agrária contemplado nas "reformas de base" do governo de João Goulart. Em abril de 1964, com o golpe militar, teve seu mandato cassado e seus direitos políticos suspensos por dez anos. No exílio chileno, Plínio tornou-se técnico da FAO, num projeto de capacitação e pesquisa sobre a reforma agrária conduzido pelo governo democrata cristão de Eduardo Frei. Em Santiago, frequentar a casa de Plínio e Marieta era um dos meus hábitos preferidos em razão da acolhida de toda a família. Depois da vitória da Unidade Popular, de Salvador Allende, no fim de 1970, ele se mudou para os EUA. Tornara-se funcionário do Banco Interamericano de Desenvolvimento. E foi lá que a família Sampaio nos acolheu em sua casa --a mim, mulher e dois filhos pequenos -, em meados de 1974, depois da prisão e perseguição que sofremos da ditadura do general Pinochet.

Após um mês e meio de hospedagem, fomos para a Universidade de Cornell, onde eu iria obter o doutorado em economia. Descobri que havia lá um mestrado em economia agrícola. Um pouco mais tarde, convenci Plínio a fazê-lo. Na pequena cidade de Ithaca, as duas famílias conviveram intensamente. Foi de lá que ele regressou ao Brasil, em 1976. A partir de 1977, um grupo, do qual faziam parte eu, Fernando Henrique Cardoso, Francisco Weffort, Almino Affonso e Plínio começou a discutir a ideia de se criar um novo partido de esquerda. Plínio e Almino propuseram lançar a candidatura de FHC ao Senado nas eleições de 1978, a fim de aglutinar as forças que comporiam a nova legenda. Pensava-se em atrair Lula, o dirigente sindical mais expressivo da época, que viria a participar da campanha de FHC naquele ano. Em 1979, fez-se uma grande reunião aberta no ABC para impulsionar a criação do novo partido. Ocorreu, porém, o oposto: de um lado, Lula defendeu a criação de um partido operário; do outro, os "autênticos" do MDB, Fernando Lyra à frente, defenderam a permanência no MDB como frente ampla da oposição ao governo do general Figueiredo.

Plínio engajou-se então na criação do PT, com o respaldo de setores da Igreja Católica. A história posterior é mais conhecida. Mas vale registrar um episódio: em 1988, ele foi pré-candidato a prefeito de São Paulo. Apesar de sua experiência, foi preterido por integrantes do aparato petista. Em 1990, deram-lhe a candidatura ao governo do Estado, quando a chance de vitória PT era nenhuma. Em 2010, ambos candidatos à Presidência da República, fui inquirido por ele em vários debates na TV: firme, sem fazer concessões. Em vez de me chamar de "Serra", preferia o "Zé", o vocativo de uma amizade de tantas décadas. E fazia essa escolha não porque pretendesse me preservar das nossas divergências, mas porque um confronto também pode ser elegante.

Velórios são tristes. Velórios de pessoas de bem são especialmente tristes. Eu estava lá porque queria dignificar as nossas diferenças. Eu estava lá, sobretudo, porque queria dignificar a nossa amizade --as diferenças e a amizade de um homem honrado, com uma família adorável.

JOSÉ SERRA, 72, foi ministro da Saúde e do Planejamento e Orçamento (governo FHC), prefeito de São Paulo (2005-2006) e governador de São Paulo (2007-2010) pelo PSDB. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

Cristo Censurador? (JOSÉ PADILHA)

A CÚRIA do Rio de Janeiro censurou o episódio que dirigi para o filme "Rio, I Love You". Ao fazê-lo, levantou três questões. A primeira se relaciona com a liberdade de expressão. Será que a Igreja Católica superou seu violento passado de perseguição a cientistas e artistas que discordam dos seus dogmas?

Há também uma questão ética, relativa ao método de censura adotado. Será que a Igreja Católica pode utilizar a imagem do Cristo Redentor para fazer "bullying" com produtores culturais? Finalmente, colocou ainda uma questão jurídica. Será que faz sentido a lei permitir que uma organização religiosa controle a imagem de um monumento que se situa em um local proeminente na paisagem do Rio de Janeiro e que é considerado um símbolo da cidade?

O meu curta conta a história de um piloto de asa delta que, acometido por uma enorme dor de cotovelo, perde a cabeça e voa até o Cristo Redentor para reclamar das suas mazelas amorosas e da cidade onde vive. Ao chegar, diz ao Redentor que o Rio continua lindo quando visto de cima, mas que de perto está muito violento. Reclama da baixa qualidade das escolas e das inundações. Na falta de uma resposta, diz à estátua que vai se mudar, dá uma banana a ela e, cinicamente, deseja a todos nós uma boa Olimpíada - mergulhando em direção à Lagoa.

Pergunto: se isso é motivo para censura religiosa, o que dizer de "O Guardador de Rebanhos", de Fernando Pessoa, do "Evangelho Segundo Jesus Cristo", de José Saramago, de "O Anticristo", de Friedrich Nietzsche, de "Partido Alto", de Chico Buarque, ou mesmo de alguns vídeos do Porta dos Fundos? O meu curta é muito menos agressivo do que muitas obras que não estão censuradas. Por isso, a posição que a cúria adotou sugere que a Igreja Católica só não censura mais porque não pode. Uma pena. Isso nos leva à segunda questão: a do método. Acreditando poder utilizar seu suposto direito sobre a imagem do Cristo Redentor para fazer censura, a cúria ameaçou os produtores de "Rio, I Love You": se o filme incluir meu curta, eles poderão ser processados.

Como a cúria sabe que basta uma liminar, mesmo que injusta, para inviabilizar economicamente a carreira de um filme, fica claro que ela está disposta a usar a imagem do Cristo para fazer chantagem. Não sei o que diz a lei, mas, do ponto de vista da ética, trata-se de uma posição no mínimo questionável. Aceitar que qualquer filmagem, fotografia ou representação gráfica do Cristo Redentor precise de autorização da cúria é dar à Igreja Católica o controle sobre a imagem de boa parte da paisagem carioca. Qualquer tomada aérea acima do Sumaré que enfoque a Lagoa ou a baía de Guanabara mostra o Cristo.

O Brasil é um país laico. Se a estátua do Cristo Redentor deve ser entendida como um objeto religioso privado, que não pode ser reproduzido livremente por todos nós, então imagino que ela deva ser tratada como um outdoor, uma propaganda de uma organização religiosa. Neste caso, talvez o Rio devesse cobrar pelo uso comercial do seu espaço... De minha parte, gostava mais do Cristo Redentor quando ele era a sétima maravilha do mundo, um símbolo da cidade do Rio - um símbolo que pertencia a todos e a ninguém.

JOSÉ PADILHA, 46, cineasta, é diretor de "Ônibus 174", "Tropa de Elite" e "Tropa de Elite 2". **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO**, Julho de 2014.

Na Rússia, o Brasil será muito diferente (FRANZ BECKENBAUER)

QUANTO mais a final da Copa do Mundo se estendia, no Maracanã, mais eu me preocupava com a seleção alemã. Uma derrota causada por um gol marcado em um dos contra-ataques puxados por Gonzalo Higuaín ou em uma magistral cobrança de falta de Lionel Messi teria sido um revés amargo para os alemães depois da vitória de 7 a 1 contra o Brasil. Depois daquela realização histórica, a Alemanha estava virtualmente obrigada a se tornar campeã mundial. Contra a Argentina, o jogo se tornou uma batalha, e eu estava antecipando que a decisão ficaria para os pênaltis.

Até me apanhei pensando que uma vez mais teríamos o caso de um time europeu fracassando em uma Copa do Mundo jogada na América. E por isso foi com o maior alívio que vi o atacante Mario Götze, vindo da reserva, marcar o gol da vitória por 1 a 0 a sete minutos do final da prorrogação. Que habilidade naquele gol! Um gol mágico. A Alemanha venceu esta Copa do Mundo merecidamente. O time enviou sua mensagem logo na abertura ao derrotar Portugal por 4 a 0. Depois disso, consegui vitórias apertadas e um empate contra Gana, partida que teve momentos assustadores. Mas jamais surgiu a sensação de que houvesse algo de errado. E em seguida veio o estupendo clímax dos 7 a 1 contra exatamente o Brasil, o berço do futebol, o lugar em que novos talentos parecem nascer nas árvores.

A despeito de sua derrota, quero expressar meu respeito pelos argentinos. Eles tiveram de enfrentar diversas desvantagens, como uma difícil prorrogação contra a Holanda na semifinal, seguida por uma decisão por pênaltis. E, depois, apesar de terem tido um dia a menos para recuperação, eles lutaram magnificamente contra a Alemanha. O sucesso da Alemanha não pode ser atribuído a um único superastro, a despeito dos imensos elogios feitos por especialistas como César Luis Menotti, Johan Cruyff e Vicente del Bosque a Manuel Neuer, o melhor goleiro da Copa. Ou ao artilheiro Thomas Müller, que ficou em segundo lugar da artilharia do certame, atrás de James Rodríguez, da Colômbia. Ou, acima de tudo, a Toni Kroos, uma máquina de passes que infelizmente está trocando o Bayern de Munique pelo Real Madrid. Não se pode criticá-lo: uma oferta do Real é quase impossível de resistir.

O sucesso da Alemanha é um grande exemplo de como uma grande equipe se desenvolve. Depois de terminar as Copas do Mundo em 2006 e 2010 em terceiro lugar, a equipe passou por constante sintonia fina e foi melhorando passo a passo. E agora, com um jogo de equipe perfeito, os alemães conquistaram o título tão esperado. Em 1986, quando eu era treinador da seleção, perdemos por 3 a 2 contra a Argentina na final da Copa do Mundo do México, com um pouco de azar. Quatro anos mais tarde, em nossa vitória por 1 a 0 na final, fomos muito superiores à Argentina, a despeito de Diego Maradona. Na época, eu tinha iniciado algumas das primeiras reformas na seleção e garanti que tivéssemos um bom hotel na Itália, dei alguma folga aos jogadores e melhorei o tratamento médico do time. E, de lá em diante, isso foi ainda mais aperfeiçoado, em companhia do desenvolvimento tático e técnico dos jogadores.

Colocar o goleador Götze em campo vindo do banco foi uma jogada de gênio do treinador campeão mundial. Muita gente deve ter se espantado quando Joachim Löw colocou em campo alguém em quem ninguém havia pensado. Isso é instinto, algo que não pode ser calculado. A questão agora é determinar se Löw continuará como técnico. Ele recentemente assinou uma extensão de seu contrato apenas até 2016. Se ele deseja continuar ativo como treinador, em minha opinião não há trabalho melhor do que servir à federação alemã de futebol, onde tudo funciona suavemente.

Vimos um bom torneio. A dinâmica da Copa do Mundo, sua organização, o entusiasmo - são coisas que as pessoas talvez não antecipassem, mas eram a esperança de todos. Foi um espetáculo que emocionou o mundo todo. Apenas a

seleção do país anfitrião, o grande favorito ao título, não conseguiu chegar à final, apesar de toda a euforia. A pressão era simplesmente grande demais. E por sobre isso tudo veio o infortúnio da lesão de Neymar. Mas esse não é o fim do futebol brasileiro. Estou certo de que dentro de quatro anos, na Rússia, veremos uma seleção brasileira completamente diferente.

FRANZ BECKENBAUER é alemão e foi jogador e capitão da seleção alemã nas copas de 1974 e 1978, além de técnico desta mesma seleção na Copa de 1990. Tradução de **PAULO MIGLIACCI. Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

Os jovens e o álcool (ROSELY SAYÃO)

CIENTISTAS britânicos fizeram uma revisão de estudos já realizados sobre o uso de bebidas alcoólicas e chegaram a duas perguntas que podem auxiliar clínicos gerais na investigação de problemas com a ingestão de álcool. As perguntas são simples: "Com que frequência você bebe seis ou mais doses em uma única ocasião?" e "No último ano aconteceu algo que você desejaria que não tivesse ocorrido como resultado do seu uso de álcool ou drogas?".

Pensei que essas perguntas podem também ajudar muitos pais de adolescentes. E nem é preciso fazer as perguntas aos filhos porque, de um modo geral, os pais já sabem as respostas, ou podem saber se quiserem. Eu mesma conheço alguns que já me contaram situações vivenciadas pelos filhos que podem ser relacionadas a essas questões. Muitos jovens, inclusive com menos de 18 anos, têm abusado das bebidas alcoólicas, tanto na quantidade quanto na frequência. E o mais preocupante é que esse fato, conhecido por muitos adultos que convivem com adolescentes, tem merecido pouca atenção.

Muitos pais sabem o que acontece com o filho, mas não têm ideia de como resolver a situação. É como se beber nessa idade fosse uma fatalidade da vida. Não é. Mas podemos levantar algumas razões para jovens e adultos pensarem desse modo. Sabemos que a busca desesperada da felicidade, confundida com alegria momentânea, tem sido um objetivo de vida de muitos de nós. Outra busca de nosso estilo de vida tem sido, também, a alta performance social: ter muitos conhecidos, fazer sucesso entre eles, ser procurado por muita gente, fazer parte de diferentes grupos em redes sociais e em aplicativos de mensagens por celular são alguns dos sinais que apontam para isso.

Outra questão importante é a vida sexual: "pegar e ser pegado" é uma frase que se igualou à "ver e ser visto", indícios que demonstram grande popularidade entre os pares, ou seja, a alta performance social e também sexual. Todas essas expectativas despejadas sobre os adolescentes podem provocar efeitos dramáticos. Um deles é o abuso das bebidas alcoólicas. Conheço duas garotas, uma com 17 anos e outra com 19, que engravidaram sob o efeito exagerado do álcool. Conheço também vários garotos que já foram parar no hospital em coma alcoólico. Vomitar em baladas, festas e reuniões já é um fato corriqueiro e banal. Quem passa pelo ponto de encontro de jovens em Campos de Jordão nesta época, por exemplo, testemunha esse fato.

Não podemos ser cúmplices desses jovens nessa questão. E adotar a política proibicionista como única estratégia tampouco funciona. O que pode ajudar os pais em suas atitudes educativas com os filhos? Creio que buscar a adesão deles ao autocuidado e ao amor à própria vida talvez seja uma boa atitude. É uma decisão aparentemente simples, mas isso não quer dizer que seja fácil praticá-la.

Ensiná-los, desde pequenos, a fazer a avaliação de riscos das situações que vivenciam, a reconhecer exageros no comportamento dos que se descuidam da saúde e dos que colocam a vida em risco são dois pontos a considerar. Mas talvez o mais importante para os pais seja ter sensibilidade suficiente para equilibrar as proibições - sim, elas são necessárias - com os ensinamentos das atitudes positivas.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

Não foi apenas uma partida de futebol (MODESTO CARVALHOSA)

TODOS os brasileiros, perplexos, procuraram na teoria reducionista que apresenta o futebol como um espetáculo e a derrota humilhante na Copa do Mundo como apenas um jogo o consolo existencial para a evidente depressão coletiva que domina nossos corações e mentes.

Essa explicação redentora, ainda agora proclamada pelo grande jornalista Clóvis Rossi, da **Folha**, e pelo festejado J. R. Guzzo, colunista da revista "Veja", já constava das piedosas e magnânimas declarações dos algozes alemães, logo após a indelével derrota dos sete a um. Ocorre que essa explicação singela não pegou e não se presta como paliativo. A realidade deve ser procurada no fundamento clássico da antropologia e na psicologia coletiva: a impulsão irredutível do ser humano pelos jogos.

Para a antropologia, o homem se relaciona dentro da dinâmica da contenda e do conflito, ainda que seja construtivo. O jogo é a matriz dinâmica de nossa conduta, indo do confronto com a morte num ritual de redenção através dos deuses, passando pelos embates permanentes com os demais seres humanos, chegando até ao jogo cartado da paciência, ou do fliperama, numa disputa consigo mesmo. A vida, na visão esclarecedora da antropologia, é um permanente jogo que toma sempre e inelutavelmente um significado transcendente e profundamente simbólico que nada tem a ver com sua importância intrínseca ou ritual.

Tudo é um jogo. O domínio da informática sobre a atividade humana se explica porque ela atende estupidamente a nossa impulsão primitiva e irredutível de jogar em todos os sentidos e em todas as ocasiões. E a irredutível impulsão dos jogos toma esse caráter simbólico que transcende o próprio ato para representar a sublimação dos sentimentos construtivos ou destrutivos nos diversos graus. O exemplo palpável dessa impulsão encontra-se no célebre e esplendoroso Palio de Siena, que é o jogo que traduz os sentimentos irredutíveis de territorialidade que perduram na linda cidade medieval/renascentista italiana. Dividida em pequenos bairros milenarmente rivais, digladiam-se eles duas vezes por ano na célebre corrida de cavalos, como se estivessem numa guerra de inimigos inconciliáveis. Tudo ali é simbólico: a preparação da disputa, os seus hinos de guerra, a bênção dos cavalos, o desfile das bandeiras, terminando pela consagração cívico-religiosa do bairro-nação vencedor. O mesmo ocorreu neste mês, em escala planetária, com a Copa do Mundo - a maior disputa simbólica que conhecemos. A derrota numa Copa, ainda mais quando degradante, acarreta uma reflexão profunda sobre os valores de toda uma nação que se compara com a do povo vencedor do magno torneio.

Para o nosso país, a derrota na Copa corresponde à perda de uma guerra. Não é por menos que, quando saí à rua no dia seguinte ao sete a um, tive a sensação de presenciar os sentimentos dos franceses quando da capitulação para a Alemanha em 1940. Lá, como aqui, não havia vestígio material de destruição bélica. Apenas mágoa devastadora. São, com efeito, os grandes torneios continentais ou mundiais que mais abalam os sentimentos coletivos. Passam a fazer parte da própria história de um povo, como se vê nas olimpíadas antigas, que marcaram os gregos e toda a nossa civilização há mais de 2.000 anos. Eram também simples competições esportivas, nada mais.

MODESTO CARVALHOSA, 82, é jurista. Foi presidente do Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico) no governo Franco Montoro. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

O cadáver da Palestina (SALEM H. NASSER)

WALDIR Troncoso Peres, o grande advogado criminalista, falando um dia sobre teses da defesa --aquelas razões que absolvem ou reduzem a pena-- ofereceu esta frase lapidar: "A função do advogado de defesa é fazer os jurados esquecerem que existe um cadáver".

Em algo parecido acreditam, por motivos menos dignos, os que sustentam a inexistência do povo palestino, como fez nesta **Folha** Flavio Bierrenbach ("Palestina", 6/7). Não se trata aqui de responder àquele artigo que, francamente, contém pouco que mereça resposta e evidentemente foi escrito por quem não conhece o assunto - ninguém que inclua o Hizbullah entre os grupos da resistência armada palestina e o veja submetido em algum momento da história a Yasser Arafat pode se dizer conhecedor. É a intenção por trás de advogar a tese que precisa ser exposta.

O artigo parece pedir um contexto - já que, significativamente, nem sequer são mencionados os últimos acontecimentos na faixa de Gaza e nos territórios ocupados. Talvez a explicação esteja em que, em 9 de julho, completaram-se os dez anos do parecer da Corte Internacional da Justiça, um dos principais órgãos da ONU, no qual 14 dos 15 juízes decidiram que a construção por Israel de um muro em territórios palestinos ocupados e, antes dele, a própria ocupação violam o princípio de não aquisição de territórios pela força, os direitos humanos dos palestinos, o direito humanitário - aplicável a conflitos armados - e, sobretudo, o direito de autodeterminação do povo palestino. O juiz americano, único a votar contra, não chegou a negar as violações, mas opôs-se a que a corte se manifestasse.

A efeméride talvez tenha urgido alguns a negarem a existência dos detentores dos direitos violados. Certamente, haveria mérito numa discussão acadêmica - como a que faz o historiador israelense Shlomo Sand em relação ao que chama de a invenção do povo judeu-- sobre a medida em que os povos são de fato coisas inventadas que deitam suas raízes no mito. Mas o exercício que fazem os negacionistas do povo palestino está longe de querer nos informar sobre o mundo das coisas humanas e sobre as ciências que o explicam.

O que se pretende é nos dizer que não existem os palestinos habitantes históricos da Palestina --"terra sem povo"--, que não existe o povo com direito à autodeterminação, que não existe o povo que habitava as aldeias sobre as quais sentam agora as cidades israelenses, que não existem os milhões de refugiados, os donos das casas destruídas, os donos das oliveiras derrubadas, que não existiram os pais dos órfãos nem existem os órfãos, que não existem as pessoas cercadas pelos muros e pelo arame farpado e, incidentalmente, que não existe quem esteja nestes dias sofrendo os bombardeios da aviação israelense.

O exercício nos diz que não há um cadáver, e é para que esqueçamos o crime. Por não poder, ainda, apagar a existência concreta das pessoas, o que se tenta fazer, ao negar a qualidade de "povo", é despir de significado essa existência - sutileza percebida por Hannah Arendt em "Eichmann em Jerusalém"-- permitindo que contra esses seres humanos se possa tudo, da opressão à morte, passando pelo desterro. Trata-se de um tipo especial de racismo, que não se basta com representar a sua vítima como torpe, vil, traiçoeira e naturalmente orientada para a violência, mas quer despi-la do direito de definir a sua identidade, negar-lhe o direito de ser, apagá-la da sua própria história.

SALEM H. NASSER, 46, é presidente do Instituto de Cultura Árabe e professor de direito da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

O gol que pode salvar o futebol (PAULO ANDRÉ)

QUANDO nos reunimos para decidir quais pontos levaríamos à audiência do Bom Senso com a presidente Dilma Rousseff na próxima segunda-feira (21), a dúvida era saber em que o governo teria agilidade e autonomia para efetuar uma mudança importante. Sabíamos que estatizar o futebol não era, nem de perto, a solução para os nossos problemas.

A maioria das nossas questões sempre emperrou na CBF e em sua má vontade em desenvolver políticas e regulamentos que otimizem a evolução do esporte no país. Aliás, a própria CBF, numa tática de guerra conhecida como deterência ou "teoria da intimidação", controla seus 47 membros que votam - 20 clubes da série A e 27 federações estaduais - explorando, de forma quase ditatorial, um bem público por intermédio de uma entidade privada e dificultando a alternância de poder e o acesso de novas pessoas. Assim, concluímos que, maior do que as demandas do nosso movimento e da nossa categoria, democratizar a entidade é questão vital para que se reconstrua o verdadeiro futebol brasileiro.

Mas como o Congresso Nacional poderia intervir para promover a modernização ou a regulamentação das atividades da CBF que, apesar de arrecadar mais de R\$ 400 milhões por ano com a "exploração" da nossa seleção, se ampara no artigo 217 da Constituição, inciso I, que define que as entidades que administram o esporte no país têm autonomia financeira e estatutária? Nas últimas semanas, antes da derrota brasileira, os grandes clubes de futebol fizeram lobby por uma audiência com a presidente Dilma para pedir que o projeto de Lei de Responsabilidade Fiscal do Esporte (LRFE) seja aprovado com urgência.

O projeto propõe o parcelamento da dívida fiscal dos clubes, mas oculta, sagazmente, a isenção da responsabilidade civil e penal dos dirigentes que cometeram irregularidades. A mencionada dívida decorre do Imposto de Renda e da contribuição à Previdência retida do atleta e não repassadas à União, ou seja, apropriação indébita, crime. Além disso, o projeto é frágil ao tentar garantir que os clubes estejam realmente em dia com suas obrigações fiscais e, principalmente, trabalhistas. Essa debilidade justifica o desespero dos dirigentes e a pressão da "bancada da bola" para sua rápida aprovação, já que, uma vez garantido o parcelamento, clubes e CBF voltarão a se blindar e não mais discutirão as mudanças estruturais.

Em miúdos, os clubes estão nas mãos da presidente, do Congresso, do parcelamento dos R\$ 5 bilhões da dívida. E a tão temida e outrora intocável CBF está nas mãos dos "quebrados" clubes, que, para sobreviver, farão o que for preciso, inclusive peitar a CBF. O Bom Senso se antecipou e, no encontro anterior com a presidente, em maio, fez um apelo: "Não aprove a LRFE do jeito que está. É preciso aproveitar a oportunidade e exigir dos clubes, em contrapartida pelo parcelamento da dívida (dinheiro público), a regulação e a democratização do estatuto da CBF, limitando o mandato dos dirigentes a quatro anos com apenas uma recondução, dando voz e direito de voto aos atletas, treinadores, árbitros e demais clubes filiados à entidade. Essa diversidade permitirá abordar todas as dimensões e interesses do futebol brasileiro".

Este é o ponto da virada, tornar a entidade mais transparente, com uma visão ampla, menos política e mais técnica. Responsável por investir maciçamente na capacitação de treinadores e gestores, desenvolver licenças e métodos da "escola brasileira" de futebol, investir e profissionalizar o futebol feminino e o futebol de areia, debater e implantar o novo calendário e o verdadeiro Jogo Limpo Financeiro, cujo objetivo não será punir os clubes, mas defender e proteger o nosso futebol. Essa partida está na prorrogação. Os clubes, a CBF e a bancada da bola estão no ataque. Nosso time conta com você para virar esse jogo.

PAULO ANDRÉ, 30, jogador de futebol, é fundador e um dos líderes do Bom Senso Futebol Clube, associação dedicada a promover reformulações no esporte. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

Plínio, o bom combate (FREI BETTO)

EM TEMPOS de fracasso da seleção brasileira na Copa do Mundo e de eleições, convém manter vivo o exemplo de Plínio de Arruda Sampaio, de quem fui amigo e discípulo.

Ele poderia ter repetido o que disse Antonio Callado em sua última entrevista: "Sempre lutei do lado certo e perdi todas as batalhas". Seria um exagero, já que Plínio participou da luta contra a ditadura, da criação do Cedec (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea), da fundação do PT, da Constituinte de 1988, da direção do jornal "Correio da Cidadania" e da fundação do PSOL. Porém, transvivenciou sem ver seu maior sonho realizado: a reforma agrária no Brasil. Neste quesito, ele poderia fazer eco a Darcy Ribeiro: "Fracassei em tudo o que tentei. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu".

Plínio, como tantos políticos brasileiros, iniciou sua militância na Ação Católica. Era discípulo do padre Lebre, dominicano francês, fundador do movimento Economia e Humanismo. Parlamentar pelo PDC, cassado em 1964 pela ditadura, exilou-se no Chile e nos Estados Unidos. Eleito deputado federal, atuou como constituinte petista em 1988, e foi candidato a presidente da República pelo PSOL em 2010. Primou pela coerência com seus princípios evangélicos e ideológicos. Como dizia, não foi ele quem se afastou dos partidos a que esteve filiado, foram os partidos que se afastaram dele.

Sabemos todos que, sem reforma, a política brasileira continuará se destacando como caso de polícia, em decorrência de tanto nepotismo, malversação e corrupção, acrescidos de impunidade e subserviência ao poder econômico. Política no

Brasil é como salsicha: melhor não saber como se faz. Plínio, no entanto, sabia. E protestava contra as maracutaias, as alianças espúrias, o toma lá dá cá. Seu fio de prumo não era uma teoria política ou um programa partidário. Era o amor aos pobres. Em se tratando de sem-terra, sem-teto, sem transporte ou moradia e outros direitos essenciais, punha a mão na massa. Não era político de gabinetes, salões e conchavos. Pedisse a ele participar de uma reunião de adolescentes, fazia-se presente com seu sorriso cândido, a fala mansa, os olhos arregalados ao enfatizar ideias, a gesticulação ponderada e, sobretudo, a lucidez sustentada pelo raciocínio ágil e prodigioso. Aos 82 anos, como se tivesse 28, misturou-se aos jovens manifestantes na avenida Paulista em junho de 2013.

Sua morte deixa um legado a todos que alimentamos nossas vidas na direção de utopias libertárias. De imediato, prosseguir na luta por reforma agrária. Jamais esquecer o que disse o papa João Paulo 2º ao presidente Sarney, em 1986: "No Brasil, não haverá democracia enquanto não houver reforma agrária". Plínio esperava participar da convocação de uma Constituinte exclusiva para promover a reforma política. Resta-nos homenageá-lo mobilizando a nação a manifestar-se a favor no plebiscito da Semana da Pátria.

A ele se aplicam as palavras do apóstolo Paulo em carta a seu companheiro Timóteo: "Chegou o tempo de minha partida. Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça, que me dará o Senhor." (2 Tim. 4, 6-8).

CARLOS ALBERTO LIBANIO CHRISTO, 69, o Frei Betto, é assessor de movimentos sociais e escritor, autor de "O que a Vida me Ensinou" (Saraiva). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

O tablet substituirá a escrita cursiva? (HAMÍLTON WERNECK)



Não se trata de novidade de início de ano

Não se trata de novidade de início de ano. Ao final de 2012 já era possível ler alguns artigos acerca do possível fim da escrita cursiva. O Estado de Indiana, nos Estados Unidos, dá ao professor alfabetizador a liberdade de escolher entre usar a escrita cursiva ou o **tablet**. A Alemanha embarca no mesmo modelo.

Se analisarmos nossa vida, constatamos que digitamos muito mais do que escrevemos e a geração que ingressa nas escolas para se alfabetizar, oriunda de creches e pré-escolas, já chega com uma mentalidade eletrônica, familiarizada com *iphones* e *tablets*.

Em uma conferência que assisti ano passado [2013], foi-nos contado que a mais recente experiência com tablets havia sido realizada no Quênia, em uma região de aldeias onde todos eram analfabetos. A empresa interessada nos resultados preparara um *tablet* que deveria ter a bateria carregada por meio de energia solar, um adulto da região foi ensinado a realizar tal procedimento e as crianças receberam *tablets* que podiam ser monitorados via satélite.



O que se sucedeu foi espantoso. Poucos minutos depois de estarem de posse dos aparelhos, quatro crianças já estavam com os computadores ligados. Elas demonstravam tal interesse em comunicar o que descobriam que sempre que uma conseguia uma proeza, muitos *tablets* se juntavam e não tardava para que todas realizassem a mesma tarefa. Ao término do primeiro mês da experiência, uma delas escreveu *lion* [leão, em inglês].

A questão é analisar se, diante dessas constatações e de um sistema inalâmbrico de comunicação, o qual dispensa os controles com fio, devemos aderir à alfabetização por meio dos *tablets*.

Se me perguntam, respondo sem titubear que em breve estaremos todos, sim, aderindo à alfabetização por meio de *tablets*. Contudo, algumas reflexões precisam ser feitas, porque a escrita corresponde a um dos estágios mais sofisticados de evolução deste **hominídeo**, bípede, mamífero, vertebrado que chamamos de homem.

Com o desenvolvimento dos **neurônios pré-frontais**, as conexões com a ponta dos dedos aumentaram, permitindo movimentos e proezas próprias dos humanos, envolvendo a motricidade fina, ou **grafomotricidade**. Descobriu-se ainda que esses movimentos eram de mão dupla: os impulsos que partiam dos neurônios pré-frontais chegavam à ponta dos dedos e as várias **praxias** da ponta dos dedos retornavam com informações para esses mesmos neurônios.

Portanto, estaria na hora de abandonarmos um processo que nos últimos seis mil anos impulsionou consideravelmente a evolução da nossa espécie? Minha resposta é afirmativa, com ressalvas. É muito importante que os professores e alunos entendam que os computadores e os tablets são máquinas que **emitem** luz, enquanto o papel **reflete** luz. Portanto, ao lermos textos nos tablets ou computadores, ao escrevermos neles, teremos uma visão mais cansada, o que pode nos levar a perder detalhes da leitura. Para tanto, aconselha-se aos escritores que, mesmo usando os computadores, façam a última correção lendo em papel, pois tal prática torna a revisão mais segura.

Não é hora de nos preocuparmos com os argumentos clássicos de que os *tablets* poderão vir a faltar um dia. Seria o mesmo que guardar uma charrete e um cavalo para o dia em que talvez não mais tenhamos combustível para mover veículos automotores. A questão é mais abrangente. Deve um professor usar o *tablet*? Não tenho dúvidas disso, inclusive no período de alfabetização. Mas em hipótese alguma ele deve deixar de lado a prática grafomotora, pois essa corresponde ao movimento mais sofisticado atingido pelos humanos.

Além disso, diante do inevitável e crescente uso de ferramentas tecnológicas, atividades como a pintura, a escultura, o desenho e o manejo de instrumentos de corda e teclado devem ser estimulados.

Não podemos abandonar práticas que envolveram todo o nosso processo civilizatório e que culminaram na escrita. A partir desses pressupostos, considero que a escola deva dar atenção especial à educação artística, disciplina muitas vezes relegada a segundo plano. Vale lembrar que as artes, além de terem sido e continuarem a ser um dos grandes pilares do desenvolvimento humano, sempre contribuíram para a comunicação do homem com seu meio e disseminação cultural. Não podemos nos esquecer de que todo produto traz em si a marca da cultura que o gerou.

ORIGEM – TABLET - QUEM INVENTOU O PRIMEIRO TABLET?

De acordo com o portal de notícias e informações sobre tecnologia Web Pro News (www.webpronews.com), a empresa Pencept é creditada como a criadora do primeiro tablet - conhecido à época como penpad ou "computador de caneta" -, quando, em 1985, em parceria com a CIC, criou uma linha de computadores que usavam uma tecnologia de reconhecimento de escrita manual. No entanto, foi apenas a partir do início do século XXI que a tecnologia se desenvolveu, ganhou mundo e o termo tablet passou a designar os computadores em formato de "tabuinha" (um dos significados do termo tablet em inglês), como o da imagem abaixo.

SAIBA MAIS EM: www.ehow.com.br/inventou-primeirotablet-fatos_58514/.

PARA UM RESUMO DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO TABLET ACESSE: www.pt.wikipedia.org/wiki/Tablet.

Se métodos novos forem criados, ótimo, vamos comemorar. No entanto, não podemos nos esquecer de que nós, humanos, não podemos perder domínio sobre nosso corpo, pois este representa a culminância da evolução de uma espécie - a qual, a que tudo indica, não é propriamente originária de símios, mas de um ramo paralelo e bem específico, cujo elo ainda se encontra perdido.

"Não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente, mas o que melhor se adapta às mudanças."

Charles Darwin

Sabemos que as crianças que não constroem seus brinquedos e, por conseguinte, na realidade, não brincam, têm dificuldades em interagir com o meio. Esse viés da educação infantil deve ser bem estudado para que não haja uma desconstrução da infância, ou seja, uma espécie de imagem corporal sem corpo.

Os *tablets* levam as pessoas em direção a uma realidade virtual produzida pela evolução tecnológica que acaba não necessitando do exterior para criar imagens, sons, cores, formas ou volumes. A humanidade está diante de uma novidade. Pela primeira vez na história, podemos dispensar os objetos representados, contanto que tenhamos o código eletrônico dos mesmos. A atenção não mais está fixada nos objetos reais, cujos nomes são escritos no papel, e sim na nova realidade computadorizada e digitalizada.

QUESTIONAMENTO SOBRE OS CINCO SENTIDOS



Há, portanto, que se considerar como o universo infantil conviverá com essas situações virtuais e como será o desenvolvimento das imagens e do pensamento das crianças.

Devemos pensar ainda nas consequências, sobretudo na primeira infância, da excessiva convivência com a virtualidade e com a ausência do corpo. A criança brincava com objetos, fabricados ou não, muitas vezes encontrados no meio em que viviam. Atualmente, graças à tecnologia, ela fica na dependência dos pixels que, por sua vez, dependem do mundo digital.

Ela manipula uma imagem, muda-a de lugar, faz cortes, o que é muito diferente da realidade corporal de um objeto, que pode ser uma caixa ou uma lata. Por sua vez, essas

imagens, sobretudo em jogos, passam com tal rapidez diante das crianças que não há tempo para um ato contemplador. Essa realidade digital pode ser comparada à leitura dinâmica, rápida, proposta por Evelyn Wood, que se contrapõe à leitura contemplativa de uma poesia, na qual se saboreia cada palavra, cada rima, cada metáfora. Valeria perguntar ao leitor dinâmico se houve algum sabor naquela poesia de Drummond ou Ferreira Goulart, caso a leitura fosse rápida, muito mais preocupada com o "engolir" do que com o "saborear".

O mesmo ocorre com o mundo virtual. Vemos, mas não tocamos com nossos dedos. Trata-se de um mundo intangível que, se demasiado, sobretudo para crianças, pode se tornar enfadonho e deixar de lado o que é memorável.

A escrita cursiva permite essa constante manipulação dos objetos, leva as crianças a conviverem enquanto escrevem cada letra, cada palavra, enquanto traduzem, em palavras e depois com a leitura, em sons, cada coisa que é manipulada.

Se a convivência com a virtualidade impedir que a dominante física da infância se realize e se instale na criança, poderíamos também antecipar outra pergunta: como será um adulto que não teve a oportunidade de viver a infância?

Há um pensamento de Friedrich Nietzsche que sempre me chamou a atenção: "A seriedade do homem é ter reencontrado a seriedade com que brincava quando criança". Ora, se não houve esse ato de brincar, pois ele foi prejudicado pelo excesso de virtualidade, como o adulto reencontrará a seriedade que deixou de ser aprendida na infância?

Revisitando **Konrad Lorentz**, encontramos as ideias de "estampagem" que são estabelecidas na infância. Esse "imprinting" terá influência em toda a vida dos humanos, portanto não se trata apenas de usar ou não um *tablet*, há muito mais que se considerar além de simplesmente aprender a escrever e as relações entre a escrita e as ferramentas facilitadoras.

Há muito que se pensar quanto a essa questão, sobretudo se nos reportarmos ao pensamento reflexivo, considerando a evolução humana. Vitor da Fonseca, citando Sokolov e Anokhine, afirma: "*O nascimento do pensamento reflexivo traduz a relação entre a mão (aspecto motor) e o cérebro (aspecto psíquico) por meio da exploração e observação visual*". O mesmo autor, baseando-se em Piveteau, afirma que "*a reflexão é a consciência da ação retardada, daí que seja possível ao homem, em termos complexos, a antecipação da ação, que exige uma imagem, que sustenta em nível do cérebro o projeto da ação que se prolongará por meio da mão*".

Eis a razão da afirmação anterior sobre a introdução de outras práticas escolares, todas ligadas à arte, em caso de diminuição das ações grafo-motoras - no mundo virtual, o projeto da ação não se prolongará por meio da mão porque o escriba não escreve, somente digita -, e é dessa combinação interna e externa que se origina o pensamento, o qual passa pela experiência sensório-motora que o mundo virtual faz perder em grande parte.

Há consequências já percebidas em adultos que, enquanto crianças, viveram essa ausência de corpo, passando, portanto, por um processo de desconstrução da própria infância.

A criança diante de uma tela com a imagem de um cavalo determina uma reação sem a presença do corpo, o que leva a uma diminuição da imaginação. Essa imagem está desprovida de afeto. A consequência é a atrofia do pensar criativo.

A capacidade de paralisação provocada pelos eletrônicos está diretamente ligada à contraposição entre o mundo das certezas e o mundo das promessas e das incertezas, contraposição esta que tem uma profunda relação com as estruturas escolares.



CONCEITO KONRAD LORENTZ APRENDENDO QUEM É SUA MÃE

O comportamento animal se desenvolve como resultado da interação de influências genéticas e ambientais.

Alguns comportamentos têm determinantes mais genéticos (inatos) do que comportamentais; em outros, o oposto é verdadeiro. Inato é uma palavra em latim que significa "nascer com".

Por um lado, existem os chamados comportamentos instintivos, os quais são geneticamente programados e geralmente são muito pouco influenciados pela experiência ou aprendizagem. Por outro lado, há comportamentos que são quase inteiramente dependentes da aprendizagem.

Existe, entretanto, toda uma gama de diferentes misturas de comportamentos. A estes se dá o nome de estampagem ou imprinting. São mecanismos inatos, como o do canto de alguns pássaros estudados por Lorentz, que precisam de aprendizagem para serem reconhecidos por membros da mesma espécie, caso contrário se tornarão adulterados e irreconhecíveis. Saiba mais em: www.cerebromente.org.br/n14/experimento/lorenz/indexlorenz_p.html.

CURIOSO ROBÔ PRESENCIAL

O CURIOSO CASO DE DEVON CARROW SPERDUTI, UM GAROTO QUE USA UM ROBÔ PARA IR À ESCOLA

Este é Devon Carrow Sperduti, um garoto que tem apenas sete anos de idade e que sofre de uma doença rara e fatal que o impede de sair de casa. E como ele faz para estudar? Devon usa um robô especialmente construído para ele chamado VGo.

Saiba mais sobre essa intrigante história em: www.rockntech.com.br/o-curioso-caso-dedevon-carrow-sperduti-umgaroto-que-usa-um-robo-parair-a-escola/



Até a Segunda Guerra Mundial terminar, em 1945, vivíamos num mundo de certezas. Tudo era definido no início do ano como se o professor, qual profeta pedagógico, pudesse antever os acontecimentos no mês de dezembro do mesmo ano. Seguimos pela escola das promessas que, no Brasil, em plena década de 1970, impelia a todos para que estudassem com o objetivo de conseguir um emprego e sustentar-se na vida. Hoje, também no Brasil, ainda encontramos educadores com a visão de uma escola das certezas, quando tudo se encaminha para a incerteza. Mas, convenhamos, quando lidamos com o mundo virtual, temos mais incertezas do que certezas e é exatamente isso que pode inibir o desenvolvimento humano do adulto - a falta de capacidade de conviver com um mundo incerto, onde a criatividade é fundamental para ultrapassar o inesperado que nos circunda.

Quando insisto na necessidade de se conjugar o virtual com o real, é exatamente para mostrar que temos de lidar com um corpo com o qual possamos interagir. É claro que os computadores são melhores do que a televisão na formação da pessoa. Enquanto a TV produz um telespectador passivo, o computador permite a interação.

Vitor da Fonseca, em seu livro *Psicomotricidade - filogênese, ontogênese e retrogênese* - ainda insiste no fato de que *"às ações manuais, correspondem ações cerebrais; às coordenações gestuais, correspondem coordenações cerebrais que equacionam um conjunto de operações praxiológicas que mais não são do que o diálogo entre a ação e a consciência, entre a mão e o cérebro"*.

Se os leitores estão um tanto perplexos com tantas possibilidades de novidades em sala de aula e suas consequências para a vida futura do profissional, há complicadores maiores, como o **robô presencial**.

Caso não possa ir à aula, você manda o robô em seu lugar. Ele pode estar presente em uma sala de aula normal, no laboratório, no pátio do recreio, é educado, pede licença para fazer perguntas aos professores. Se uma pessoa estiver impossibilitada de se locomover poderá, via internet, controlar o robô, assistir a todas as aulas, interagir com os colegas, participar de trabalhos em grupo. Você não estará lá, mas o robô sim.

Quando se trata de aprendizagem e de instrução, tudo parece correr bem e funcionar e é importante estar atento para o fato de o aluno, mesmo estando em casa, poder controlar o robô que o substitui na escola.

Não podemos deixar de pensar nessas possibilidades. Entretanto, a educação que precisamos desenvolver é uma educação onde os mestres

devem, em primeiro lugar, ser especialistas em gente, depois em educação e, em terceiro lugar, nas disciplinas que lecionam. As vantagens propiciadas pelo uso de um robô presencial, assim como de tablets, devem ser acompanhadas de perto. As escolas precisam estar preparadas para esta realidade, pois esse cenário não é mais parte de um filme de ficção científica. No entanto, o mais importante é a presença e, na minha ótica, essas tecnologias são úteis, devem ser assimiladas, utilizadas, porém são soluções diante da impossibilidade da presença. Esses fatos e suas soluções precisam instigar os professores para que aprendam a lidar com as novas situações em que a máquina substitui a pessoa dentro de uma sala de aula. Todavia, aprender a conviver e a ser depende da presença da pessoa.



"Devon Sperduti" e seus colegas no corredor da escola



Torobo-kun, o robô japonês que foi aprovado em 70% dos vestibulares das universidades de seu país. Fonte:

<www.economia.estadao.com.br/noticias/economiageral,robo-japones-faz-vestibulare-e-aprovado-em-70-dasuniversidades,172782,0.htm> (12 de dezembro de 2013)

Como se pode perceber, tudo está muito além da questão de se adotar o *tablet* dentro da sala de aula ou não. Não adotá-lo pode significar ficar defasado e ter dificuldade de interagir com crianças que já nascem dentro de um mundo eletrônico e chegam à escola esperando encontrar ali algo que seja digital, e não somente ferramentas analógicas.

Adotá-lo implica cuidado para que não haja radicalismos, pois somos seres que necessitam do desenvolvimento grafomotor, seja para complementar nossas ações evolutivas, seja porque todas as ações das mãos estão conjugadas com o cérebro e contribuem para o desenvolvimento cognitivo.

Por fim, precisamos cuidar para que as crianças brinquem. Brincar é a forma mais sofisticada de aprender, sobretudo porque o corpo é real, a incerteza está presente e a criatividade é exigida.

CITOU CLARICE LISPECTOR

"Saudade é um pouco como fome. Só passa quando se come a presença." Clarice Lispector (1920-1977)



HAMÍLTON WERNECK é pedagogo, escritor e palestrante. www.hamiltonwerneck.com.br. Revista **LÍNGUA PORTUGUESA**, Julho de 2014.

Lucas Rocha